

Perspectivas fenomenológicas e existenciais de gênero e de sexualidade: transpondo interdições

Phenomenological and existential perspectives on gender and sexuality: overcoming interdictions

Eduardo Marandola Jr.

Doutor, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil;

E-mail: eimjr@unicamp.br

Tiago Rodrigues Moreira

Doutorando em Geografia; Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil;

E-mail: t229845@dac.unicamp.br

Resumo

O artigo objetiva contribuir para transpor as interdições constituídas para os mútuos atravessamentos entre os Estudos de Gênero e de Sexualidade, de um lado, e a fenomenologia-existencial, de outro. Para tanto, retoma os traços marcantes das filosofias de Simone de Beauvoir e de Judith Butler para evidenciar a centralidade das concepções de situação e de corporeidade em suas formulações, a partir de perspectivas fenomenológico-existenciais. Essa discussão prévia abre caminho para considerar as direções para as quais a Fenomenologia Crítica tem apontado, no sentido de um método histórico-transcendental, no qual as contribuições dos fenomenólogos “clássicos” e das autoras seminais da filosofia feminista se projetam a partir de corporeidades experientialmente significadas em suas respectivas situationalidades.

Descritores: Corpo humano; Estudos de Gênero; Fenomenologia; Feminismo; Perfomatividade de Gênero.

Abstract

The paper aims to contribute to overcoming the interdictions constituted for the mutual crossings between gender and sexuality studies, on the one hand, and existential phenomenology, on the other. To this end, it takes up the salient features of the philosophies of Simone de Beauvoir and Judith Butler to highlight the centrality of the conceptions of situation and corporeality in their formulations, from phenomenological-existential perspectives. This preliminary discussion paves the way for considering the directions in which Critical Phenomenology has pointed, in the sense of a historical-transcendental method, in which the contributions of the “classical” phenomenologists and the seminal authors of feminist philosophy are projected from corporealities that are experientially signified in their respective situationalities.

Descriptors: Human Body; Gender Studies; Phenomenology; Feminism; Gender Performativity.

Introdução

O objetivo desse artigo é contribuir para transpor diferentes interdições que têm se interposto para que perspectivas fenomenológicas e existenciais tenham maior reverberação e participação nos debates de gênero e de sexualidade.

Tais interdições são de diferentes naturezas, passando por considerações com respeito à história do pensamento fenomenológico (dominado por homens brancos europeus), pelas suas

considerações transcendentais que são acusadas de serem distanciadas de contextos históricos e sociais específicos, ou a ausência de uma perspectiva crítica no sentido da transformação social.

É interessante que tais críticas, nas últimas décadas, têm sido enfrentadas no interior do próprio movimento fenomenológico, por autoras dedicadas tanto às questões de gênero e sexualidade, quanto por pesquisadores preocupados com a filosofia crítica da raça e com o racismo, buscando formas de movimentar a tradição fenomenológica (comumente chamada de “clássica”) em direção às demandas contemporâneas.

Esse movimento passa pela necessidade de articular às análises fenomenológicas uma perspectiva social e histórica, no sentido de compreensão das condições materiais da reprodução social. Tal perspectiva tem motivado debates acalorados e um movimento importante de renovação da própria tradição fenomenológica. Buscaremos mostrar como eles já estão presentes, de maneira importante, nas obras seminais da Fenomenologia Feminista, justificando assim sua retomada e reverberação.

Do lado dos Estudos de Gênero e de Sexualidade, no entanto, as limitações daquilo que se convencionou chamar de “fenomenologia clássica” (ligada à perspectiva transcendental husseriana, à ontologia fundamental de Heidegger e à fenomenologia existencial de Merleau-Ponty), parece ocultar até mesmo contribuições basilares de autoras centrais para o campo, como Simone de Beauvoir e de Judith Butler¹.

Nesse sentido, buscamos realizar um duplo movimento, visando desobstruir algumas vias de mútuos atravessamentos: evidenciar como uma perspectiva fenomenológico-existencial atravessa momentos decisivos da filosofia feminista nas duas autoras, de um lado, e como os movimentos recentes na chamada Fenomenologia Crítica têm apontado para reposicionamentos que potencializam os diálogos e atravessamentos dos campos.

¹ Não incluímos Edith Stein (1891-1942) nessa lista, ou outras fenomenólogas do mesmo período, pois, embora antecedam Beauvoir e Butler, suas contribuições são explicitamente fenomenológicas, ocupando um outro lugar no debate da teoria feminista. No caso de Stein (2003a; 2003b), sua ontologia do ser humano como feminino e masculino, constitui uma análise personalista que coloca em outros termos os papéis sociais de homem e de mulher, adotando também traços místicos que incluem um debate ético do cuidado e da essência do feminino e do masculino, o que relegou a ela um lugar marginal na teoria feminista ao longo do século. Essa marginalidade tem sido problematizada por trabalhos contemporâneos (Peretti, 2013; Urban, 2022), o que sinaliza para a importância de debater suas contribuições para uma Fenomenologia feminista contemporânea, o que não será feito no presente artigo, devido ao seu escopo.

Para tanto, revisitamos o pensamento de Simone de Beauvoir e Judith Butler, buscando evidenciar a centralidade das concepções de situação e de corporeidade em suas formulações, a partir de perspectivas fenomenológico-existenciais. São temas enraizados na tradição fenomenológica, compartilhados pelos estudos feministas, queer e de gênero, os quais projetam possibilidades de articulação da experiência vivida, existencialmente, com as estruturas de dominação e os sistemas de poder e de opressão.

Essa discussão abre caminho para considerar as direções para as quais a Fenomenologia Crítica tem apontado, a partir do debate mais recente, no sentido de um método histórico-transcendental, articulando contribuições dos fenomenólogos “clássicos” e das autoras seminais da filosofia feminista no contexto de corporeidades experencialmente significadas em suas respectivas situacionalidades.

Simone de Beauvoir e a radicalidade da situação

Simone de Beauvoir (1908-1986), filósofa e escritora que participou ativamente do movimento existencialista francês do século passado, nos brinda com uma trajetória que buscou fraturar postulações filosóficas que, até então, eram de domínio masculino. A partir de uma postura ética, a autora deslinda suas inquietações por meio de uma compreensão fenomenológica da relação sujeito-objeto radicalmente situada.

A naturalização da escrita dominada por homens é debatida pela filósofa ao assumir que “um homem não começa nunca por se apresentar como um indivíduo de determinado sexo; que seja homem é evidente” (Beauvoir, 2019a, p. 11). Nessa passagem, a autora sinaliza, desde o início de sua obra, “O segundo sexo”, a relação de inferioridade atribuída ao ser mulher em sua situação histórica, subjetiva e fáctica.

Em um mundo dominado por homens, a naturalização da posição de escritor etéreo, acima das vicissitudes do mundo (voltado para o sujeito transcendental, desencarnado), aponta elementos que estavam permeando as reflexões da autora nos fecundos anos 1940. No ensaio “Por uma moral da ambiguidade” (Beauvoir, 2005), por exemplo, publicado em 1947, a autora tinha como intuito expor “diretamente o problema da ambiguidade da condição humana, a partir de seu histórico na Filosofia, criticando filósofos anteriores que a todo custo tentaram mascarar ou até mesmo suprimir a ambiguidade da condição humana” (Santos, 2023, p. 236).

Simone de Beauvoir foi, por muito tempo, lida enquanto não filósofa. Ela mesma preferia se dizer escritora, o que pode ser compreendido como autodefesa, de um lado, ou crítica à compreensão de Filosofia da época, dissociada do engajamento com o mundo e a experiência vivida. Sara Heinämaa (2003) mostra diferentes motivos para a negligência filosófica da obra de Beauvoir, como a centralidade da experiência vivida (embora seja uma explícita referência à tarefa fenomenológica, desde Husserl), além de questões de natureza sexista, como a relação da autora com Sartre e o caráter não programático de sua escrita.

No entanto, a ambiguidade entre a filósofa e a escritora atendia bem aos propósitos intelectuais, políticos e estéticos de Beauvoir. Em “Balanço final”, a autora reafirma sua “realidade objetiva” de escritora (Beauvoir, 1982, p. 33), o que coaduna com sua busca por “dissipar mistificações, dizer a verdade, eis um dos objetivos que mais obstinadamente perseguia através de meus livros” (Beauvoir, 1982, p. 501) – o que parece estar para além de um campo disciplinar formalmente instituído. Concordamos, assim, com Heinämaa (2021, p. 10), quando afirma que Beauvoir assumiu uma tarefa filosófica, pois ela “não pensava que o aspecto mais importante da filosofia é concretizado na construção solitária de sistemas. Em vez disso ela enfatizava o papel do questionamento, da problematização e do diálogo”. Ou seja, sua tarefa de escrita a fez ir contra o que ela chamava de “a estupidez: uma maneira de sufocar a vida e suas alegrias com preconceitos, rotinas, falsas aparências, prescrições vãs” (Beauvoir, 1982, p. 502).

A questão da ambiguidade é fundamental por combater a metafísica da identidade que substancializa e objetifica. Beauvoir identifica o mesmo gesto em diferentes vertentes da Filosofia Moderna, que lhe antecederam ou entre seus contemporâneos. O fundamento da negação da ambiguidade é uma perspectiva essencialista que tem como fundamento o sujeito transcendental, o racionalismo e diferentes formas de idealismo e empirismo. Todos esses, de alguma maneira, estão comprometidos com o naturalismo.

Não por acaso, a tradição fenomenológica desde Husserl e, no caso de Beauvoir, no diálogo com Merleau-Ponty e Sartre, no contexto do Existencialismo, estabelece combate direto em todas essas frentes, trazendo para o centro da reflexão a situação – conceito basilar que orienta a elaboração de “O segundo sexo”, publicado originalmente em 1949 (Beauvoir, 2019a; 2019b).

A perspectiva de situação de Simone de Beauvoir foi elaborada a partir de Merleau-Ponty (2011), em especial aquela tratada em “Fenomenologia da Percepção”, a qual está associada diretamente à corporeidade. Segundo a autora, no caminho de “devolver-nos o nosso corpo, a fenomenologia também nos devolve as coisas; através do corpo podemos ‘frequentar’ o mundo, entendê-lo, podemos ‘possuir um mundo’” (Beauvoir, 2022, p. 227). A partir dessa relação de intimidade entre o corpo e o mundo, a situação se manifesta, para a filósofa, como potência, pois, “para perceber, devo estar situado, e o mesmo movimento pelo qual concedo ao mundo enraizando-me, aqui e agora, empurra o mundo para o horizonte sempre inacessível da minha experiência” (Beauvoir, 2022, p. 228-229).

O modo como Beauvoir se apropria e desdobra a experiência vivida em seu livro, tem como fundo a base corpórea que se manifesta de maneira situada. Isso conforma toda a estrutura e o plano de redação de “O segundo sexo”, pois a filósofa aposta na potência da experiência de ser mulher, e de como a mulher se mundaniza de maneira situada.

Além das relações históricas que entrelaçam os caminhos de Merleau-Ponty e Beauvoir, a primeira resenha publicada do clássico livro foi assinada pela autora. A recensão saiu na revista coeditada por Sartre e Merleau-Ponty (“Les Temps Modernes”), ainda em 1945 (Beauvoir, 1945/2022). Nela, podemos compreender não apenas a maneira como a autora comprehende a obra merleau-pontiana, como também aspectos que ela recolhe para seu uso futuro, influenciando de maneira importante “O segundo sexo”. Segundo a autora, “o que me parece ser o mais importante no seu livro [na “Fenomenologia da percepção”], tanto pelo método utilizado como pelos resultados obtidos, é a elucidação fenomenológica de uma experiência vivida, a experiência da percepção” (Beauvoir, 1945/2022, p. 229).

É importante lembrar que não apenas Beauvoir, mas os existencialistas franceses buscavam à época maneiras de radicalizar a mundanização da filosofia promovida pela Fenomenologia (uma das pedras de torque do Existencialismo), de maneira a promover engajamento mundial e uma postura ativa e política no mundo. Beauvoir reconhece na “Fenomenologia da percepção” um caminho possível, que ela radicaliza como ninguém até então, mergulhando na experiência vivida do ser-mulher para, a partir de suas situacionalidades próprias, vividas corporalmente, questionar os postulados normativos oriundos da Ciência e da Filosofia manifestos em valores sociais.

Sua descrição da experiência vivida é rigorosamente orientada pela situacionalidade, ficando entre a imanência e a transcendência (Oksala, 2023). Por meio de seu rigoroso estudo desde a experiência vivida de ser mulher em um mundo dominado por homens, a autora fratura as cristalizações e as hegemonias que foram construídas desde o destino traçado por um Outro, abordando três discursos de verdade e legitimidade bastante significativos à época: a biologia e sua insistência finalista em si (que limita o campo da vivência de ser mulher a partir de uma matriz, um ovário, como fêmea); a psicanálise, mostrando a composição de um inconsciente que legitima e hierarquiza, como um ser da falta, circunscrito naquilo que não é, inessencial; e o materialismo, na expressão da preocupação com a família e a propriedade (Beauvoir, 2019a).

Beauvoir trabalha essas camadas da existência fáctica no processo de composição da mulher, mas busca mostrar como os discursos são falhos, embora interajam de maneira a constituir um destino pré-definido e limitado para as mulheres. Desse modo, ao fazer seu levantamento histórico-social do ser mulher por meio da intersecção dessas camadas – da biologia, da psicanálise, do materialismo e do destino, considera que “o corpo, a vida sexual, as técnicas só existem concretamente para o homem na medida em que apreende dentro da perspectiva global de sua existência” (Beauvoir, 2019a, p. 91).

É nesse contexto que podemos compreender o sentido da famosa máxima da autora: “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade” (Beauvoir, 2019b, p. 12). Essa sentença frequentemente é interpretada de maneira socioconstrutivista, ou até materialista. No entanto, ela reflete diretamente a compreensão da situacionalidade da autora. Tornar-se mulher, portanto, implica uma compreensão radical da existência, a qual não é precedida por nenhuma essência, mas que se constituiu à medida que se é em existindo como um ser-situado. “Não nascemos mulher porque não há uma essência ou natureza que nos determine de antemão – o que, por sua vez, significa afirmar que há uma existência que nos torna mulheres” (Souza, 2018, p. 220).

Assim, “torna-se mulher” expressa um compromisso ético, de nunca tomar a mulher como um ser imóvel, e sim um vir-a-ser (Beauvoir, 2019b), em sua potencialidade. Esse vir-a-ser carrega a insígnia da ambiguidade, como possibilidade, distanciando-se de acepções essencialistas, sejam de tipo naturalistas ou materialistas.

O movimento do pensamento de Beauvoir pode ser compreendido, portanto, como movimento de desobstrução da interdição ao próprio questionamento a respeito do ser-mulher, não como conceito (vide sua crítica à “teoria do eterno feminino”), mas como multiplicidade a partir da experiência vivida. O fato de sua descrição em “O segundo sexo” não abranger todas as experiências possíveis não é um sintoma de cegueira, mas da limitação do próprio horizonte de sua situacionalidade. Situar tal experiência passa, portanto, pelo corpo vivido e pela situação, uma vez que, para Beauvoir, segundo Heinämaa (2021, p. 13) “o corpo não é uma coisa, mas uma forma de relacionar com coisas, uma forma de agir sobre elas e de ser afetados por elas”.

Corporeidade e situação, portanto, são o coração da abordagem metodológica da autora para lidar com a experiência, deixando um legado fundamental não apenas para os estudos feministas, mas também para a Fenomenologia existencial, até então pouco atenta às situationalidades próprias de gêneros e corporeidades distintas socioculturalmente.

Embora a situação e a situacionalidade já estivessem presentes na tradição fenomenológica desde Husserl, o tratamento e a centralidade que Beauvoir lhes ofereceu em seus estudos, radicalizou seu alcance, importância e potencialidade. Mais do que contextos ou episódios históricos e sociais, a experiência vivida em “O segundo sexo” constitui um conjunto circunscrito de experiências-limites entre a imanência e a transcendência, motivo pelo qual sua análise é tão sofisticada e, ao mesmo tempo, pouco compreendida em suas potencialidades.

Judith Butler e a existencialidade dos atos performativos

Judith Butler (1956-) é uma das mais importantes filósofas da teoria queer, da filosofia feminista e dos Estudos de Gênero e de Sexualidade. Sua obra, com forte influência de autores como Foucault, Hegel, Merleau-Ponty e Lévinas, estabeleceu reenquadramentos importantes nos debates relacionados à biopolítica, ao reconhecimento e à identidade de gênero, entendida como performatividade. Um dos aspectos que marca a trajetória da autora é o compromisso que assume para com uma responsabilidade ética de pensar o gênero e a sexualidade, constituindo assim um campo das possibilidades de manifestações queer. Temas como binariedade, subversão, misoginia, vida e vulnerabilidade são temas constantes em suas obras, estabelecendo atravessamentos múltiplos no pensamento contemporâneo.

Nos últimos anos, Judith Butler tem se ocupado da vulnerabilidade de uma política para a vida e os modos como enfrentamos e resistimos à própria vulnerabilização (Butler, 2016a),

refletindo as implicações de uma política sexual, de vidas precárias e sobretudo a luta pela sobrevivência (Butler, 2016b; 2020). A provocação de pensar o relatar a si mesmo por meio da responsabilidade, como uma crítica à violência ética (Butler, 2017) também tem sido um dos movimentos de seu trabalho, tensionando os limites discursivos do sexo que operam sobre os corpos que são lidos pela materialidade da performatividade de gênero. Esses atuam na equação da citacionalidade e iterabilidade e que nos faz pensar a matéria dos corpos enquanto uma espécie de materialização governada pelas normatividades reguladoras do sexo (Butler, 2019).

Tais contribuições, amplamente debatidas no contexto dos Estudos de Gênero e de Sexualidade, emergiram, de alguma maneira, no decorrer da escrita do clássico “Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade”, publicado originalmente no ano de 1990 (Butler, 2005). Como uma das autoras precursoras da Fenomenologia Feminista, seus textos dos anos 1980 são referência para a abertura de caminhos. “*Sex and Gender in Simone de Beauvoir's Second Sex*” é um desses textos, no qual a autora realiza análise crítica da proposta de Beauvoir, destacando seus avanços e apontando suas limitações (Butler, 1986). Nele, Butler (1986, p. 36) afirma, reverberando Beauvoir, que “tornar-se uma mulher é um conjunto de atos intencionais e apropriados, a aquisição de uma habilidade, um ‘projeto’”². Já em “*Variations on sex and gender: Beauvoir, Wittig and Foucault*”, de 1987, a autora sinaliza a passagem da fenomenologia existencial de Beauvoir para a biopolítica de Foucault, duas matrizes fundamentais de “Problemas de gênero” que são igualmente reverberadas e superadas em seu trabalho. Por fim, em “*Performative acts and gender: an essay in phenomenology and feminist theory*”, de 1988, a autora lança as bases para sua perspectiva da performatividade, fazendo-a emergir de sua leitura da fenomenologia de Merleau-Ponty (Butler, 1988).

Todos esses textos podem ser considerados antecedentes de “Problemas de gênero”, evidenciando a articulação que a autora faz de referenciais e conceitos fenomenológicos em sua perspectiva de gênero.

Para os propósitos deste artigo, vamos dar atenção especial ao texto “Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista”, cuja tradução foi publicada recentemente em português (Butler, 2018), e um de seus últimos livros, “Que mundo é esse? Uma fenomenologia pandêmica” (Butler, 2022). São dois

² Tradução livre do original: “To become a woman is a purposive and appropriative set of acts, the acquisition of a skill, a ‘project’”.

momentos da trajetória do pensamento da autora que nos permitem acompanhar diálogos diretos e explícitos com a Fenomenologia. No primeiro caso, destacando a maneira como ela interpreta os atos performativos a partir da existencialidade do corpo próprio, e no segundo caso, um estudo fenomenológico já com o horizonte de suas preocupações biopolíticas amadurecidas.

No primeiro texto, a autora lança a questão basilar da reflexão: “em que medida um ponto de partida fenomenológico pode ser útil para uma descrição feminista de gênero?” (Butler, 2018, p. 6). Butler reverbera o gesto de Beauvoir, destacando a importância da Fenomenologia com o compromisso de embasar a teoria na experiência vivida. Com isso Butler centraliza o pensamento na experiência de gênero, não na representação do gênero, o que ela vai incessantemente buscar nesses estudos seminais, dando ênfase tanto ao conceito de situação quanto de projeto. Trata-se de conceitos que problematizam a ontologia do ser, o que expressa o caminho escolhido pela autora para responder à sua indagação basilar. Para Butler (2018, p. 6),

A ideia de ‘projeto’, no entanto, sugere a força originária de uma vontade radical, e como gênero é um projeto que tem como propósito a sobrevivência cultural, o termo ‘estratégia’ sugere de forma mais apropriada a situação de coerção em que a performance de gênero ocorre de formas diversas. Assim, como uma estratégia de sobrevivência, o gênero é uma performance que envolve consequências claramente punitivas. [...] como não existe uma ‘essência’ que o gênero expresse ou externalize nem um objeto ideal ao qual aspire; como o gênero não é um fato, os vários atos de gênero criam a ideia de gênero; sem esses atos, não haveria gênero. O gênero, portanto, é uma construção que oculta regularmente a sua gênese.

A estratégia se manifesta como possibilidade de deslindar o gênero e suas implicações, o que acontece a partir dos atos performativos. Mas como que Butler nomeia ato? Para a filósofa, o gênero “é um *estilo corporal*, ‘um ato’, por assim dizer, ao mesmo tempo intencional e performativo, de tal forma que performativo possa significar tanto ‘dramático’ quanto ‘não referencial’ (Butler, 2018, p.5, destaque no original). Sendo assim, “a apropriação feminista da teoria fenomenológica da constituição possibilita que a ideia de *ato* seja utilizada em um sentido ricamente ambíguo” (Butler, 2018, p. 7, destaque no original).

Sinalizar que gênero se manifesta enquanto ato, é apontar para uma experiência compartilhada e para uma ação coletiva – ênfase que reconhecidamente falta à leitura de Beauvoir (Young, 1980). A autora coloca assim em xeque a existência de multiplicidades de atos performativos que se manifestam nos modos de existir, fazendo com que o pessoal se mescle com o político e que, no movimento performático, algo seja repetido (Butler, 2018). Portanto, “gênero é um ato que já foi ensaiado, assim como um roteiro sobrevive aos atores

específicos que fazem uso dele, mas depende de atores individuais para ser novamente atualizado e reproduzido como realidade” (Butler, 2018, p. 11).

A teoria da performatividade remete diretamente à corporeidade, fugindo, como em Beauvoir, da delimitação pré-definida de uma perspectiva essencialista ou biologizante. Mas no caso de Butler, os atos performativos guardam uma relação direta com a intencionalidade husseriana (o que mais tarde reverberará em sua teoria do reconhecimento) e com o esquema corporal de Merleau-Ponty, compreendido como dobra entre a estrutura (a normatividade) e a liberdade (os atos performativos). Butler reafirma, assim, a ênfase na experiência vivida dada por Beauvoir, mas, atrelada à biopolítica de inspiração foucaultiana, aponta para a necessidade de uma articulação com os sistemas de controle dos corpos: biopoder.

Essa leitura oferece uma perspectiva original na qual a realidade vivida revela formas de vida que estão à margem da sociedade, que são negadas e são vitimadas por violências. A fenomenologia é, assim, um meio em Butler, não um fim.

Já no livro mais recente, produzido durante a pandemia da COVID-19, vemos a perenidade com que o pensamento fenomenológico participa de seu pensamento. Em “Que mundo é esse? Uma fenomenologia pandêmica”, Butler (2022) retoma suas preocupações com a vida vivível, com a vulnerabilidade e a precariedade, retomando diálogos que não haviam aparecido com frequência em suas obras dos anos 2000 e 2010. Vemos Husserl, Merleau-Ponty, Heidegger, Sartre, Beauvoir, Scheler e Lévinas comparecerem na proposta de abordar nosso relacionamento com o vírus no mundo pandêmico. A autora traça assim uma fenomenologia do mundo contemporâneo no qual a pandemia, vivida experientialmente, se torna uma textura do mundo, entre esperança e desespero.

A autora, como é peculiar em suas obras, elabora duas questões para orientar a escrita: “Por que fenomenologia?” e “Que fenomenologia?”. Em ambos os casos, Butler reverbera o mesmo horizonte problemático desse texto, colocando-se questões que remetem ao papel dos fenomenólogos para pesquisas recentes de gênero e de sexualidade.

Butler fomenta a preocupação pelos modos em que vivemos e habitamos o mundo. Um dos intuios da filósofa é arrolar o que a Fenomenologia pode contribuir para esse mundo que vivemos. Sendo assim, o retorno à corporeidade é solicitado, extrapolando os limites severos disciplinares da normatização que orienta os modos de habitar um mundo.

A pergunta “por que fenomenologia?” pode ser guiada pelo retorno ao ético, ao habitar um mundo em uma postura ética, condizente com a possibilidade do viver politicamente de maneira entrelaçada pelas contingências. Outra possibilidade é o caminho da socialidade e a interdependência que andam lado a lado na condição de vivibilidade existencial. Desse modo, para Butler, a Fenomenologia lhe parece útil por permitir compreender a naturalização do mundo e a vida banal, sem que isso implique uma atomização ou fuga: ao contrário, a Fenomenologia radicaliza a mundanidade. A Fenomenologia aparece para a autora como a possibilidade de tensionar, a partir da experiência vivida, as estruturas de dominação.

A partir daí Butler salienta que parece evidente a importância de tais leituras, sinalizando para a presença dos autores da fenomenologia “clássica” no trabalho de importantes filósofas feministas críticas: “vale notar que Husserl e Merleau-Ponty desempenharam um papel formativo no trabalho de Sara Ahmed, Gayle Salamon, Lisa Guenther, e outras” (Butler, 2022, p. 109). Segundo Butler (2022, p. 111-112), essas autoras buscaram derivar da fenomenologia uma forma mais precisa de entender a vida corporificada em sua intersubjetividade”.

Butler mostra que a Fenomenologia crítica constitui um novo fôlego para a tradição fenomenológica, reatando, assim, seu compromisso ético e político para com a sociedade. Tais eixos – ética e política – correspondem ao modo de projeção da fenomenologia “clássica”.

Da crítica à Fenomenologia, à Fenomenologia Crítica

Como sinalizado, há um conjunto de movimentos, que ganharam fôlego nos últimos 20 anos, de renovação da Fenomenologia a partir dos debates de gênero e de sexualidade.

Em meio à já volumosa produção, selecionamos alguns momentos que demonstram as direções que o debate tem tomado, menos no sentido de documentar as muitas perspectivas, e mais no intuito de reverberar os achados de Beauvoir e Butler, como mediadoras entre a chamada Fenomenologia “clássica” e a Fenomenologia crítica.

Começamos com dois capítulos publicados ainda na primeira década do século, em 2006, na importante coletânea organizada por Hubert Dreyfus e Mark Wrathall, “Fenomenologia e existentialismo” (Dreyfus; Wrathall, 2012). Há apenas dois capítulos dedicados ao campo, um assinado por Ann Murphy, “Sexualidade”, e outro assinado por Sara Heinämaa, “Feminismo”. Murphy (2012a) mostra o panorama do estudo da sexualidade pela tradição existencial e fenomenológica. Para isso, mobiliza a importância de se pensar fenomenologicamente a

sexualidade tal como é corporalmente vivida. Ou seja, o ponto de flexão mobilizador da filósofa está na abertura para debates contemporâneos, pois a fenomenologia “possibilita a validação de narrativas experenciais que atestem seu poder” (Murphy, 2012b, p. 450).

A autora faz isso repercorrendo à maneira como a fenomenologia “clássica” abordou o tema, destacando o corpo próprio e seus modos de corporeidade, pois, se somos seres sexuados, como afirmam Sartre (2015) e Merleau-Ponty (2012), tomamos como base a corporeidade situada que se engaja mediante determinadas situações. Em vista disso, a corporeidade se manifesta de modo ambíguo, pois “enquanto o corpo facilita um entendimento das possibilidades vividas, ele também representa a finitude e a limitação da liberdade e da agência de uma pessoa” (Murphy, 2012a, p. 442).

Murphy (2012a, p. 443) nos alerta para uma possível armadilha do corpo na relação com o outro, pois haveria algo anterior na relação subjetividade e intersubjetividade. Não podemos cair na armadilha de pensar que há um peso no corpo em seus modos de corporeidade, e que o olhar dos outros ou a sensação de ser vistos radicalmente impõe uma objetificação.

Assim não é suficiente dizer que somos objetificados pelos outros; nós internalizamos e adotamos as normas de acordo com as quais nosso corpo é interpretado e, em última instância, usamo-las para julgar a nós mesmos. É isso que Sartre quer dizer quando afirma que eu conheço a mim mesmo como um corpo conhecido pelos outros. A experiência da corporeidade sexuada é totalmente intersubjetiva (Murphy, 2012, p. 443).

Murphy elabora a trajetória da discussão desde a década de 1940, mostrando grandes obras de Sartre, Merleau-Ponty e Beauvoir, saltando depois para os trabalhos de Judith Butler e a necessidade de uma performatividade como prática existencial. O texto se encaminha para uma fenomenologia queer, a qual aposta no movimento de abertura para com debates e narrativas sobre transgenerismo e transexualidade, que a própria fenomenologia apresenta também como possibilidade.

No outro texto da mesma coleção, Heinämaa (2012) provoca desde o início para pensarmos a Fenomenologia como uma possibilidade de investigação dos dilemas sexo-gênero, natureza-criação, igualdade-diferença e homem-mulher. A filósofa, a partir da perspectiva da corporeidade husseriana, assume que a Fenomenologia não demanda o corpo sexuado como

uma coisa em si, mas estuda o corpo em seus vários modos de apresentação (Heinämaa, 2012, p. 453). Heinämaa, assume que a Fenomenologia não carrega em si, uma necessidade metódica para a compreensão do Feminismo, ou seja, ela não pode ser interpretada enquanto uma aplicação de modelos, e sim um convite a pensar sobre o que, a partir de determinadas situações, a Fenomenologia pode ser parceira do Feminismo.

Heinämaa (2012) chama a atenção também para a mobilidade e a espacialidade pois, assume-se, a partir da experiência vivida, que as pessoas se movem e se especializam de modos distintos, o que abre outras possibilidades para a maneira como é possível pensar o feminismo fenomenologicamente.

Com o passar dos anos, essas críticas e busca por potencialidades na tradição fenomenológica se aprofundaram, construindo o caminho para posicionamentos mais incisivos por parte das filósofas.

A coletânea organizada por Sara Cohen Shabot e Christinia Landry, “*Rethinking feminist phenomenology: theoretical and applied perspectives*”, é um bom exemplo de como esse movimento de crítica passou a fomentar reposicionamentos na tradição fenomenológica a partir do pensamento feminista (Shabot; Landry, 2018). As autoras tomam como basilar, além do clássico de Beauvoir, o não menos clássico texto de Iris Marion Young (1980), “*Throwing Like a Girl: A Phenomenology of Feminine Body Comportment Motility and Spatiality*”. Ambos compartilham o esforço de combater a objetificação da mulher buscando superar a relação simplista corpo-objeto. No entanto, tal cenário ainda persiste, o que em si só seria motivo para retomar tais contribuições, combatendo a inessencialidade que coloca a mulher como esse Outro do Homem. Para as organizadoras, repensar a Fenomenologia é uma abertura fértil para esse enfrentamento e para a consolidação da Fenomenologia feminista.

A proposta do livro é abrir caminhos para erradicar pensamentos objetivistas que estão envolvem as questões de gênero e da sexualidade. Para esse enfretamento, Shabot e Landry (2018, p. 6) afirmam que “aprendendo e criando através da fenomenologia feminista, podemos revelar o nosso próprio ‘normal’, desafiá-lo e trabalhar para mudá-lo. E é isso que as fenomenólogas feministas desta coleção fazem particularmente bem”³.

³ Tradução livre do original: “Learning and creating through feminist phenomenology, we may reveal our own “normal”, challenge it, and work to change it. And that is what the feminist phenomenologists in this collection do particularly well”.

No capítulo de Beata Stawarska (2018), “Subjetct and structure in feminist phenomenology: re-reading Beauvoir with Butler”, a autora oferece um panorama de como entender o sujeito e a estrutura pelas linhas de Simone de Beauvoir e de Judith Butler. Embora reconheça a ausência de preocupação que Husserl teve em relação ao fenômeno de gênero e da sexualidade (o mesmo podendo se dizer de Merleau-Ponty, apesar de suas considerações acerca do ser sexuado), Stawarska aponta que é nesta lacuna que o pensamento de Butler, por exemplo, se desdobra. A autora lembra ainda do tratado sartreano “O ser e o nada: ensaio de uma ontologia fenomenológica”, que “inscreve a anatomia sexual feminina dentro de uma imagem repugnante de limo e buracos abertos”⁴ (Stawarska, 2018, p. 15).

Apesar disso, Stawarska (2018, p. 14) sinaliza que “a fenomenologia é, portanto, bem adequada ao projeto feminista de tornar visíveis as experiências historicamente desvalorizadas das mulheres”⁵, utilizando para isso tanto o que fora realizado por Beauvoir e por Butler, quanto as potencialidades que a tradição fenomenológica permite. Em Butler e nas autoras contemporâneas, por exemplo, Stawarska vê o compromisso em colocar na agenda da Fenomenologia os debates feministas, embora possam ser identificadas duas possibilidades de construção: tanto conservadoras quanto transformadoras, ou seja, mais afeitas a uma espécie de reforma da tradição fenomenológica, sem abalar muito suas bases, ou de maneira a reconstruir mais profundamente o que se entende e pratica como Fenomenologia.

Outra coletânea que nos ajuda a descortinar a complexidade dos Estudos de Gênero e de Sexualidade pelo prisma da Fenomenologia e do Feminismo é “50 Concepts for a Critical Phenomenology”, organizada pelas filósofas Gail Weiss, Ann V. Murphy e Gayle Salamon (2020), com o intuito de “refletir acerca da potência e relevância das contribuições feministas para o pensamento fenomenológico, bem como seu potencial para questões centrais nos debates contemporâneos” (Marandola Jr., 2023, p. 240).

Essa coletânea é especialmente significativa pois adota uma postura mais radical na direção de uma Fenomenologia Crítica, propondo novos conceitos (pelo menos oito deles: *compulsory able-bodiedness, the eternal feminine, heteronormativity, misfitting, queer orientations, queer performativity, trans phenomena, world-traveling*) e tensionando muitos

⁴ Tradução livre do original: “Seemingly inscribe female sexual anatomy within a repugnant imagery of slime and gaping holes”.

⁵ Tradução livre do original: “Phenomenology is therefore well suited to the feminist Project of making woman’s historically devalued experiences visible”.

outros consagrados na tradição (*collective continuance, homotactics, ontological expansiveness, time/temporality*). O conjunto dos capítulos revela a pujança e as potencialidades de uma Fenomenologia crítica transformadora.

Esses trabalhos reverberam às balizas fenomenológicas e as colocam em contraste com a efervescência dos fenômenos cotidianos. Autoras como Yris Marion Young (1980; 2005), Luce Irigaray (1984), Sara Heinämaa (2003), Ann V. Murphy (2006, 2012), Sara Ahmed (2006), Johanna Oksala (2006, 2023), dentre outras, anunciam um outro modo de pensar sexualidade e gênero a partir da Fenomenologia, do Feminismo, do Existencialismo e da Teoria *Queer*. Seus trabalhos deslocam as balizas fenomenológicas de método de acordo com a situacionalidade da escrita.

Dentre esses, destacamos o trabalho de Sara Ahmed, pela maneira como realiza o movimento de crítica à Fenomenologia “clássica”, notadamente Husserl, de maneira a mostrar suas limitações e, ao mesmo tempo, potencializar suas aberturas. “*Queer Phenomenology: orientations, objects, others*”, publicado originalmente em 2006, se edifica a partir de uma inclinação à questão da orientação e da orientação sexual. Sara Ahmed, deslinda o privilégio heterossexual ao expor que não se questiona sua orientação, ou seja, é difícil alguém questionar a orientação heterossexual de alguém, haja vista que, ela não é requerida dentro da linearidade normativa que orienta pessoas heterossexuais.

A questão que Ahmed (2006) levanta é de justamente colocar a crítica a maneira como as pessoas são orientadas para determinados objetos, perfazendo assim, um cenário de normatividades, fazendo com que as repetições de ações corporais ao longo do tempo hierarquizem o seu espaço de ação, colocando determinados objetos a serem alcançados e outros não. Por meio de determinadas orientações, nossos corpos tendem a seguir algumas linhas de direção, no entanto, aquelas pessoas que não estão alinhadas com os “dispositivos de endireitamento”⁶ (Ahmed, 2006, p. 92) merecem um outro direcionamento. Em vista disso, Ahmed (2006, p. 2) acredita que

a fenomenologia pode oferecer um recurso para os estudos queer, na medida em que realça a importância da experiência vivida, a intencionalidade da consciência, o

⁶ Tradução livre do original: “straightening devices”.

significado da proximidade ou do que está pronto a ser usado, e o papel das ações repetidas e habituais na formação de corpos e mundos⁷.

Ahmed (2006) reafirma alguns pontos destacados por Beauvoir e Butler (como a experiência vivida e a corporeidade), mas ressalta outros, como a proximidade, o hábito e a intencionalidade. Esta última até aparece por meio dos atos performativos em Butler, mas o destaque da apropriação de Ahmed está na maneira como a experiência vivida revela os modos de lidar com as normatividades, podendo, inclusive, subvertê-las. O papel da cisheteronorma se manifesta enquanto um postulado a ser padronizado. Para tanto, pessoas que não circulam nesse papel precisam ser “endireitadas”, ou seja, uma orientação normativa que desvincula toda sensibilidade de uma pessoa a partir de sua orientação sexual.

A partir desse sistema cisheteronormativo, os que não se “endireitam”, curvam a uma orientação fadada à reproduzibilidade fracassada de uma heterossexualidade compulsória (Rich, 2012). Toda possibilidade de afeto, sensação, emoção e sentimento são calcados em uma cisheteronorma, para pessoas que não correspondem a essa expectativa, gera uma desorientação e uma estranheza (*queerness*).

A dimensão normativa pode ser reescrita em termos do corpo reto, um corpo que parece “em linha”. As coisas parecem “retas” (no eixo (no eixo vertical), quando estão “em linha”, ou seja, quando estão alinhadas com outras linhas. Em vez de presumirmos que a linha vertical é simplesmente dada, veríamos, a linha vertical como um efeito deste processo de alinhamento⁸ (Ahmed, 2006, p. 66).

Ahmed (2006) mobiliza a fenomenologia de Merleau-Ponty, principalmente a partir da “Fenomenologia da percepção”, para reforçar a centralidade da corporeidade. Segundo ela, para o filósofo, “o corpo sexual é aquele que mostra a orientação do corpo como um ‘objeto sensível

⁷ Tradução livre do original: “Phenomenology can offer a resource for queer studies insofar as it emphasizes the importance of lived experience, the intentionality of consciousness, the significance of nearness or what is ready-to-hand, and the role of repeated and habitual actions in shaping bodies and worlds”.

⁸ Tradução livre do original: “The normative dimension can be redescribed in terms of the straight body, a body that appears “in line.” Things seems “straight” (on the vertical axis), when they are “in line,” which means when they are aligned with other lines. Rather than presuming the vertical line is simply given, we would see the vertical line as an effect of this process of alignment”.

a todo o resto' (183), um corpo que sente a proximidade dos objetos com os quais coexiste"⁹ (Ahmed, 2006, p. 67). Além do mais, "o modelo de Merleau-Ponty da sexualidade como uma forma de projeção corporal pode ajudar a mostrar como as orientações 'excedem' os objetos para os quais são dirigidas, tornando-se formas de habitar e coexistir no mundo"¹⁰ (Ahmed, 2006, p. 67).

Para Ahmed, essa perspectiva da corporeidade é central para os estudos da sexualidade, pois permite compreender como o corpo se manifesta corporalmente no mundo. Tendo em vista a dimensão de abertura que cada orientação apresenta, para a autora, "uma fenomenologia queer pode oferecer uma abordagem à orientação sexual, repensando a forma como a direção corporal 'em direção' aos objetos molda as superfícies do espaço corporal e social"¹¹ (Ahmed, 2006, p. 68).

Desse modo, Ahmed (2006, p. 68) nos provoca pensar a sexualidade não apenas em uma direção retilínea ao objeto, mas "como envolvendo diferenças na própria relação com o mundo - isto é, na forma como se 'encara' o mundo ou se dirige a ele"¹² (Ahmed, 2006, p. 68).

De fato, o queer, como em Butler e em Ahmed, parecem acentuar a necessidade de uma Fenomenologia Crítica, no sentido de romper de maneira radical com certos pressupostos congênitos de determinados conceitos fenomenológicos. Mariana Ortega, Guilherme Silva e Adriano Furtado Holanda (2024), no seu artigo recém-traduzido (original de 2022), "Impureza crítica e a disputa por uma fenomenologia crítica", desdobra como está sendo articulado o movimento de renovação da Fenomenologia, contribuindo para diversos outros campos de conhecimentos, como por exemplo: Fenomenologia queer; Fenomenologia feminista; Fenomenologia crítica e Pós-fenomenologia.

Tal movimento de renovação, embora não seja novo (poderíamos identificar os anos 1970 e 1980 como seminais, nesse sentido), marca um gesto autocrítico e de renovação da tradição, embora não sem contendas. Ortega, Silva e Holanda (2024) realizam um balanço rico das

⁹ Tradução livre do original: "The sexual body is one that shows the orientation of the body as an 'object that is sensitive to all the rest' (183), a body that feels the nearness of the objects with which it coexist".

¹⁰ Tradução livre do original: "Merleau-Ponty's model of sexuality as a form of bodily projection might help show how orientations "exceed" the objects they are directed toward, becoming ways of inhabiting and coexisting in the world".

¹¹ Tradução livre do original: "A queer phenomenology might offer an approach to sexual orientation by rethinking how the bodily direction "toward" objects shapes the surfaces of bodily and social space".

¹² Tradução livre do original "but as involving differences in one's very relation to the world—that is, in how one "faces" the world or is directed toward it".

recentes discussões e contendidas no campo da Fenomenologia Crítica, passando pela disputa pelas origens ou sentidos do termo crítica¹³, pela maneira de se relacionar com os autores “clássicos” (como retomada, reformulação ou abandono), até pela forma como essa Fenomenologia assume em relação ao seu projeto intelectual.

Ortega, Silva e Holanda são certeiros em apontar a lógica da pureza como um potencial vício em algumas dessas formulações, mostrando como um projeto fenomenológico dessa natureza só pode se realizar em sua ambiguidade. Ela traz a crítica de Maria Lugones para propor uma criticidade crítica, o que implica abraçar uma impureza crítica que levaria, no limite, a lidar com a liminaridade e as tensões de um lócus fraturado (Lugones, 2019). Na discussão em questão, poderíamos dizer, isso implicaria na não reificação ou criação de uma dicotomia entre fenomenologia “clássica” e fenomenologia crítica, por exemplo.

Podemos dizer que a direção para a qual essa perspectiva aponta é semelhante à que Johanna Oksala sinaliza em seu artigo “*The method of critical phenomenology: Simone de Beauvoir as a phenomenologist*” (Oksala, 2023), no qual a autora defende que uma Fenomenologia Crítica deve trabalhar com um método histórico-transcendental. A autora argumenta que as demandas recentes reclamam a consideração dos sistemas de opressão e de violência, tensionando a Fenomenologia e sua tradição transcendental. No entanto, a autora defende que a incorporação de tais perspectivas históricas e sociais não deve resultar em abrir mão da perspectiva transcendental, pois, como ela mostra no caso de Beauvoir, não apenas é possível como é necessário realizar os dois movimentos metodológicos para produzir análises que sejam comprometidas socialmente e que apresentem, por meio da experiência vivida, a maneira como se constituem os sistemas normativos, de poder e biopolíticos.

Em texto anterior, Oksala (2006) já havia sinalizado a relevância do método fenomenológico para os estudos de gênero, embora em uma versão radicalmente revisada. No texto de 2003, a autora defende a direção realizada por Beauvoir, por ter articulado o contexto social e histórico à dimensão vivida corporalmente e de maneira situada, algo que está, em outros termos, na pauta da Fenomenologia Crítica.

No fundo, esse parece ser o grande desafio, conforme Ortega, Silva e Holanda (2024) parece sugerir: em meio a contendas e disputas de um ambiente em franco processo crítico,

¹³ Lisa Guenther identifica ao menos seis sentidos para crítica na Fenomenologia Crítica (Guenther, 2021).

realizar a crítica à Fenomenologia, de maneira a não significar apenas um sentido de manutenção de sua tradição, mas que isso potencialize seu significado social para as questões e demandas de engajamento no mundo.

Considerações finais: Fenomenologia, Gênero e Sexualidade

Pensar os mútuos atravessamentos da Fenomenologia e dos Estudos de Gênero e de Sexualidade não é um gesto de aproximar campos distintos, mas, como aponta Juliana Missaggia (2015, p. 172), “tratar de questões relativas à sexualidade e gênero não seria um acréscimo extrínseco à fenomenologia, mas sim um sinal de sua própria coerência”. Esperamos que esse artigo contribua para evidenciar, mais uma vez, a centralidade e a impossibilidade de uma reflexão fenomenológica da experiência contemporânea contornar questões tão fundantes de nossa corporeidade como as relações de gênero, raça e sexualidade.

O arranjo apresentado por Ortega, Silva e Holanda (2024) parece sugerir uma atenção ao que pode a Fenomenologia ou, de outro modo, quem e o que se pode operar a partir Fenomenologia? “Desejo observar como o próprio *projeto* da fenomenologia *de considerar* as complexas noções de raça, racialização, racismo e suas consequências epistêmicas e materiais se beneficia de uma *atitude crítica*” (Ortega, Silva e Holanda 2024, p. 148, destaque no original).

A pergunta desliza por todo jogo que mobilizamos no texto, na maneira como pensamos ou podemos pensar fenomenologicamente os desafios apresentados para nós. Não se trata de análises das estruturas de dominação de um lado e da experiência vivida, de outro. Desde Beauvoir e sua fenomenologia-existencial, a busca era pela superação de tal separação pela centralidade da situação e pela importância da corporeidade. Butler aprofunda esse caminho por meio da performatividade e de uma leitura biopolítica, as quais estão igualmente assentadas em uma compreensão fenomenológica da corporeidade e da situação. Nos últimos anos, as fenomenológicas críticas e feministas têm dobrado essa aposta, tensionando a tradição fenomenológica ao mesmo tempo que mobilizam os Estudos de Gênero e de Sexualidade por meio de perspectivas queer de elaboração da sexualidade a partir de experiências situadas e corporificadas.

Como tais reverberações se aterraram no nosso contexto, brasileiro e latino-americano, e nos diferentes campos disciplinares? Temos que considerar muitas camadas para podermos

situar essas corporeidades: colonialismo, colonialidade, raça, racismo, etnia, cultura, desigualdades sociais, exclusão, vulnerabilidades espaciais, riscos ambientais e tantos outros processos que, em cada situacionalidade, circunscreve as existências corporificadas. Que atravessamentos de gênero e de sexualidade constituem tais experiências? Como se combinam, se reforçam ou se anulam, nas diferentes existências vividas intersubjetivamente? Que corporeidades constituem as experiências generificadas, racializadas e sexualizadas em sua multiplicidade e diversidade?

Referências

- Ahmed, S. (2006) *Queer Phenomenology: Orientations, Objects, Others*. Duke University Press.
- Beauvoir, S. (2019a). *O segundo sexo: a experiência vivida*. (Vol. 2). Tradução Sérgio Milliet. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Beauvoir, S. (2019b). *O segundo sexo: fatos e mitos*. (Vol. 1). Tradução de Sérgio Milliet. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Beauvoir, S. (2005). *Por uma moral da ambiguidade*. Tradução de Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Beauvoir, S. (1982). *Balanço Final*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira.
- Beauvoir, S. (2022). Resenha: A fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty. *Primeiros Escritos*, São Paulo, n.11, p. 212-231. (Trabalho original publicado em 1945)
- Butler, J. (1986). Sex and Gender in Simone de Beauvoir's Second Sex. *Yale French Studies*, n. 72, p. 35-49.
- Butler, J. (1987). Variations on Sex and Gender: Beauvoir, Wittig and Foucault. In: Benhabib, S.; Cornell, D. (Org.). *Feminism as Critique: On the Politics of Gender*. Minneapolis, University of Minnesota Press, p. 128-142.
- Butler, J. (1988). Performative Acts and Gender Constitution: An Essay in Phenomenology and Feminist Theory. *Theatre Journal*, v. 40, p. 519-531.
- Butler, J. (2005). *Problemas de Gênero*: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Butler, J. (1016a). Rethinking vulnerability and resistance. In: In Butler, J.; Gambetti z.; Sabsay, L. (Eds.). *Vulnerability in Resistance*. Durham: Duke University Press.

- Butler, J. (2016b). *Quadros de guerra*: quando a vida é passível de luto? Tradução de Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Butler, J. (2017). *Relatar a si mesmo*: crítica da violência ética. Tradução de Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica.
- Butler, J. (2018). Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. *Cadernos de leitura*, n. 78.
- Butler, J. (2019). Corpos que pensam: sobre os limites discursivos do “sexo” In: *O corpo educado*: pedagogias da sexualidade. Tradução de Tomaz da Silva. Belo Horizonte: Autêntica.
- Butler, J. (2020). *Vida precária*: os poderes do luto e da violência. Trad. Lieber, Andreas. Belo Horizonte: Autêntica.
- Butler, J. (2022). *Que mundo é este?* uma fenomenologia pandêmica. Coordenação de tradução: Carla Rodrigues. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora.
- Dreyfus, H.; Wrathall, M. (2012). *Fenomenologia e existencialismo*. Tradução de Cecília Camargo Bartalotti e Luciana Pudenzi. São Paulo: Edições Loyola.
- Guenther, L. (2021). Six senses of critique for critical phenomenology. *PUNCTA Journal of Critical Phenomenology*, v. 4, n. 2, p. 5-23.
- Heinämaa, S. (2012). “Feminismo”. In: Dreyfus, H.; Wrathall, M. (Orgs.). *Fenomenologia e existencialismo*. Tradução de Cecília Camargo Bartalotti e Luciana Pudenzi. São Paulo: Edições Loyola.
- Heinämaa, S. (1999). Simone de Beauvoir’s Phenomenology of Sexual Difference. *Hypatia*, vol. 14, n. 4, p. 217-229.
- Heinämaa, S. (2021). A fenomenologia da diferença sexual de Simone de Beauvoir. *QG Feminista*. Disponível em: <https://medium.com/qg-feminista/a-fenomenologia-da-diferen%C3%A7a-sexual-de-simone-de-beauvoir-94289501cc2c> (acesso em 20-10-2024).
- Heinämaa, S. (2003). Toward a Phenomenology of Sexual Difference: Husserl, Merleau-Ponty, Beauvoir. Rowman & Littlefield Publishers.
- Irigaray, L. (1984). *Ethique de la différence sexuelle*. Paris: Ed Minuit.

- Lugones, María. (2019). Rumo a um feminismo decolonial. In. Holanda. Heloísa Buarque de. (Org.). *Pensamento Feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro. Bazar do Tempo.
- Marandola Jr., E. (2023). Fenomenologia crítica e feminista. *Cadernos do PET Filosofia*, v. 14, n. 27, p. 239-249.
- Merleau-Ponty, M. (2011). *Fenomenologia da Percepção*. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Missaggia, J. (2015). Fenomenologia e feminismo: introdução e defesa de um diálogo fecundo. In: Pacheco, J. (Org.). *Mulher e Filosofia: as relações de gênero no pensamento filosófico*. Porto Alegre: Ed. Fi.
- Murphy, A (2012a). Sexualidade. In: Dreyfus, H.; Wrathall, M. (Orgs.). *Fenomenologia e existencialismo*. Tradução de Cecília Camargo Bartalotti e Luciana Pudenzi. São Paulo: Edições Loyola.
- Murphy, A (2012b). *Violence and the philosophical imaginary*. Albany: State University of New York Press.
- Oksala, J. (2006). A phenomenology of gender. *Continental Philosophy Review*, v.39, p. 229-244.
- Oksala, J. (2023). The method of critical phenomenology: Simone de Beauvoir as a phenomenologist. *European Journal of Philosophy*, v. 31, p. 137-150.
- Ortega, M.; Silva, G.; Holanda, A. F. (2024). Impureza Crítica e a Disputa por uma Fenomenologia Crítica. *Phenomenology, Humanities and Sciences*, v. 5, n. 2, p. 147-160.
- Peretti, Clélia. (2013). A mulher no contexto histórico contemporâneo de Edith Stein. *Relegens Thréskeia: estudos e pesquisa em religião*, v. 2, n. 2, p. 26-47.
- Rich, A (2012). Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. *Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades*, v. 4, n. 05, p. 17-44.
- Santos, L. (2023). Resenha de "Por uma moral da ambiguidade" de Simone de Beauvoir. *Anãnsi: Revista de Filosofia*, v. 4, n. 2, p. 236-246.
- Sartre, J.P. (2007). *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. Trad. de Paulo Perdigão. 15. ed. Petrópolis: Vozes.
- Shabot, S. C.; Landry, C. (2018). *Rethinking feminist phenomenology: Theoretical and applied perspectives*. New York: Rowman and Littlefield International.

- Souza, T. M. (2018). Beauvoir e a situação das mulheres: entre subjetividade e facticidade. *ethic@*, Florianópolis, Santa Catarina, v. 17, n. 2.
- Stawarska, B. (2018). Subjetct and structure in feminist phenomenoloy: re-reading Beauvoir with Butler. In: Shabot, S. C.; Landry. (Ed.) *Rethinking feminist phenomenology: Theoretical and applied perspectives*. New York: Rowman and Littlefield International.
- Stein, Edith. (2003a). Problemas de la formación de la mujer. In: Urkiza, Julen; Javier Sancho, Francisco (Dir.) *Obras completas v. IV: Escritos Antropológicos y pedagógicos*. Vitoria; El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Editorial Monte Carmelo.
- Stein, Edith. (2003b). Estructura de la persona humana. In: Urkiza, Julen; Javier Sancho, Francisco (Dir.) *Obras completas v. IV: Escritos Antropológicos y pedagógicos*. Vitoria; El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Editorial Monte Carmelo.
- Urban, Petr (2022). Care ethics and the Feminist Personalism of Edith Stein. *Philosophies*, v. 7, n. 60, p. 2-14.
- Weiss, G; Murphy, A. V.; Salamon, G. (2020). (Ed.) *50 Concepts for a Critical Phenomenology*. Evanston: Northwestern University Press.
- Young, I. (1980). Throwing like a girl: A phenomenology of feminine body comportment, motility and spatiality". *Human Studies*, v. 2, n. 3, p. 137-156, 1980.
- Young, I. (2005). On female body experience: "Throwing like a girl" and other essays. Oxford University Press.